

AGRICULTURA E MODO DE VIDA NUM BAIRRO RURAL NO POLÍGONO DAS SECAS: realidade social e degradação ambiental em agrupamentos rurais da Chapada Diamantina Baiana em 2004¹

José Sidnei Gonçalves²

1 - INTRODUÇÃO

O estudo do desenvolvimento de estruturas rurais representa uma contribuição para o desenho de políticas públicas, no sentido de averiguar quais mecanismos e instrumentos poderiam ser utilizados na estruturação de ações de resgate de populações submetidas a condições de pobreza. Essa preocupação ganha especial relevância na realidade nordestina, onde as zonas rurais contêm agrupamentos de bairros que mostram indicadores econômicos e sociais muito abaixo dos desejáveis. Isso apesar de já ter ocorrido expressivas mudanças em espaços localizados da agricultura nordestina como no sul do Maranhão, no oeste Baiano e na fruticultura irrigada do Vale do Rio São Francisco. Há que se ter nítido que, para o imenso geográfico das áreas não irrigadas dos sertões - talvez não irrigáveis - persistem índices produtivos que denotam a prática de agricultura rudimentar praticada na ocorrência de seca que a castiga por vários anos durante uma década. Ainda assim, inúmeras medidas de melhoria da infra-estrutura têm sido adotadas numa conjunção de esforços do Governo Federal com os governos estaduais, tais como: o asfaltamento da malha rodoviária, a eletrificação rural e a generalização do acesso à educação.

Entretanto, nessas comunidades de agricultura rudimentar, a concretização de melhor qualidade de vida com a construção dessa infra-estrutura não se verifica em maior profundidade por limitações de renda. Assim, a problemática que persiste para ser analisada consiste na compreensão de quais impactos as políticas públicas tiveram nas realidades rurais onde não foram executados projetos públicos da agricultura irrigada

em escala. A questão da convivência com a seca e da estruturação de mecanismos de sustentabilidade da agropecuária em regiões pobres do polígono das secas representa um enorme desafio para a formulação da estratégia de intervenção pública. Isso devido aos procedimentos arraigados nessas populações, dada a cultura dessas comunidades rurais e, decorrente dela, das práticas tradicionais de cultivo e criação desenvolvidas no tempo. As tradições acabam falando mais alto e, mesmo na condição de diferenciação de um ou mais agropecuaristas, as dificuldades de generalização das novas práticas são imensas.

Normalmente, quando processos transformadores se estabelecem como nas lavouras irrigadas do oeste Baiano, todos os empreendedores são originários do Sul-Sudeste e os empregos mais relevantes como gerência e operação de máquinas também são ocupados por mão-de-obra de outras regiões. A maioria da população local original migra para os grandes centros urbanos após a venda por quase nenhum dinheiro de suas propriedades, pela inadaptação aos novos métodos de cultivo da moderna lavoura de escala, dos quais não têm qualquer domínio, além de uma disciplina de trabalho incompatível. Numa perspectiva de inclusão social de desenvolvimento da agricultura do Nordeste para os sertanejos nordestinos, com o sucesso de políticas de resgate dessas populações, há que se aprofundar no conhecimento dessas realidades específicas. Para tanto há que se analisar a inserção dessas comunidades rurais, que se pode denominar "*excluídas do processo de implantação dos pólos irrigados de agricultura moderna*", no processo mais amplo de desenvolvimento regional e nacional, verificando o comportamento das principais variáveis que permitam caracterizar suas transformações.

A região escolhida para estudo corresponde a um agrupamento de bairros rurais do

¹Registrado no CCTC IE-70/2004.

²Engenheiro Agrônomo, Doutor, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola.

interior baiano, localizado no Distrito de Cabrália no município de Piatã, postados do lado direito da rodovia que liga o município de Seabra ao de Piatã, partindo do entroncamento com a Rodovia Federal que liga Salvador (BA) a Brasília (DF). Essa rodovia recentemente asfaltada passa pelos municípios de Boninal, pelo Distrito de Cabrália atingindo a sede do município de Piatã para, em seguida, atingir a sede do município de Abairas. O município de Piatã está localizado a 1.500 metros de altitude média e apresenta temperaturas amenas (até 8°C à noite com dias quentes com até 37°C). Também está caracterizado por brotarem, dentro de seu território, alguns dos principais rios baianos como o rio de Contas. Mostra duas realidades distintas, uma com deficiência hídrica - inclusive com limitação de disponibilidade no subsolo -, onde se encontram os referidos bairros rurais, e outra, ao redor da sede do município, onde a disponibilidade de água abundante tem permitido a execução de projetos de plantios irrigados com elevada produtividade e qualidade.

O agrupamento de bairros rurais estudado apresenta a característica de representarem um espaço rural contíguo, tendo sido beneficiados na última década com a implantação do asfaltamento da rodovia que delimita o agrupamento na sua extremidade Leste, com a eletrificação rural e com a implantação de sistema educacional de primeiro grau completo. Para esse conjunto de bairros rurais, que se estende do Bairro das Cruzes até o Bairro da Sussuarana, foi realizada pesquisa anterior em janeiro de 1994 (GONÇALVES, 1995) e, por isso, dispunha-se de informações que permitem comparação com a realidade atual, de forma a apreender as transformações concretizadas, decorrida uma década do levantamento anterior, visto que o presente levantamento foi efetuado em julho de 2004. A pesquisa de campo compreendeu a visita a todas as casas que compõem o referido agrupamento de bairros rurais com diálogos orientados visando a anotação das principais variáveis definidas para a caracterização da referida realidade. As informações coletadas abrangem dados censitários da realidade, englobando todas as pessoas e suas atividades, mas sem incorrer em desagregações que desfigurariam a realidade de vida comunitária entre grupos familiares com renda e domínios de terra indivisíveis. Tratou-se, nas estatísticas levantadas, o conjunto dos agrupamentos rurais como uma única unidade de observação.

Além de dados coletados nas entrevistas com os moradores realizou-se a observação direta de todos os campos de cultivo, das pastagens cultivadas e das "largas de solta" dos animais nos períodos sazonais de seca, com a elaboração de anotações que permitissem, na leitura do autor com base no conhecimento agrônomo, formar um quadro da realidade da agricultura praticada nessas condições de extrema limitação tanto técnica quanto financeira. A proposta deste trabalho consiste, portanto, exatamente em buscar realizar a caracterização da agropecuária, principal atividade econômica realizada nos agrupamentos rurais representados por esse conjunto de bairros rurais. Do ponto de vista geográfico estão dispostos em linha reta seguindo uma cadeia de morros em cujo sopé ocorre uma sequência de brejos e um ribeirão sazonal, estando todos situados no mesmo lado da faixa de terra que vai do sopé da cadeia de morros citada até o espigão cujo ponto mais alto é o Morro das Zareias. A seca representa uma limitação dramática para a agricultura comercial e a falta de água não mais afeta a população local pela estruturação de poços artesianos para uso doméstico, além do uso para pequenas hortas e para matar a sede dos animais nos momentos críticos.

Por certo se trata da narração de uma dada ótica particular de apreensão da realidade, ainda que mantenha detalhes das observações dos residentes locais entrevistados, em especial os mais velhos, na busca de se manter fidelidade com a cultura local, além de permitir, a futuras pesquisas, referências para identificação de elementos da realidade. Não se trata, assim, da apresentação da expressão literal dos moradores dos bairros rurais estudados acerca de suas respectivas realidades, mas da leitura do autor das manifestações desses moradores nas conversas realizadas, associadas à observação da realidade objetiva pelo autor e ao conhecimento adquirido pelo mesmo em mais de duas décadas de convívio rotineiro com essa população nas suas migrações sazonais para trabalhar na construção civil paulistana, fato que ainda continua intenso, apesar de todos serem unânimes em afirmar que há anos essa atividade não rende tanto dinheiro como no passado, processo já descrito em Gonçalves (1995). Outra questão relevante que o trabalho pretende caracterizar, corresponde ao aprofundamento da degradação ambiental que ocorre nessas comunidades rurais pobres, o que

tem implicações sérias ao tornar mais dramáticos os episódios vividos nas secas pela eliminação progressiva das aguadas.

2 - DUAS REALIDADES DO MUNICÍPIO DE PIATÃ: café de qualidade e bairros rurais com agricultura rudimentar

O município de Piatã (BA) apresenta nos últimos anos duas realidades que colocam populações rurais em situações econômicas e sociais diametralmente opostas. De um lado, o sucesso de projeto de implantação de um pólo de café de qualidade com modernas técnicas dentre as quais a irrigação e, de outro, a persistência de indicadores econômicos e sociais indesejáveis em outros agrupamentos rurais. Ambas as realidades receberam nos últimos dez anos os benefícios das mesmas políticas públicas de asfaltamento da rodovia, eletrificação rural e sistema escolar. Entretanto, os desempenhos são muito distintos e a diferença decorre da implantação na realidade que emergiu como produtora de café de qualidade (mais próxima da sede do município mas margeando a mesma rodovia). Essa constatação corrobora a percepção de que as transformações econômicas são o motor da história à medida que, sem alternativas que alavanquem a produção de riqueza, os benefícios locais de políticas públicas de provimento de infra-estrutura não encontram efeito multiplicador consistente. A questão é conhecer e entender porque as comunidades rurais com indicadores econômicos e sociais mais preocupantes não alteram o seu dinamismo ainda que aquinhoadas com políticas públicas de infra-estrutura.

Ainda que não seja objeto deste trabalho, configura-se como interessante para marcar as diferenças apresentar elementos que caracterizem a realidade onde se produz café de qualidade. Trata-se de projeto apoiado pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), para a implantação de pólo produtor de café de qualidade, café *gourmet*, abrangendo um grupo de pequenos e médios cafeicultores de Piatã³. A sistemática implantada nesse

³Importante salientar que consiste em prática generalizada e presente em todas as propriedades rurais do município de Piatã (BA) o cultivo de café. Na tradição local, a primeira providência de uma jovem família ao estabelecer sua casa na propriedade rural é plantar o que denominam

projeto inovador consiste em estimular a agregação de valor pela qualidade com práticas que, utilizando mão-de-obra abundante, promovam incremento nas oportunidades de trabalho. Em 2004, no 6º Concurso de Qualidade Cafés do Brasil, promovido pela Associação Brasileira de Cafés Especiais, os cafés de Piatã tiveram 6 amostras entre 36 selecionadas sendo que duas ficaram entre os dez melhores cafés especiais brasileiros. A elevação substancial da renda e o significativo crescimento localizado do emprego representam benefícios visíveis na transformação da realidade⁴.

Essa realidade do projeto de café de qualidade, dista 35km dos agrupamentos rurais estudados. Neles, numa leitura global, a estrutura produtiva permaneceu praticamente inalterada nos últimos dez anos, tendo ocorrido simplesmente a substituição familiar com a morte dos “velhos” passando os filhos a atuarem em seu lugar. As dificuldades de ampliação das áreas de cultivo, ainda que num contínuo processo de derubada da vegetação nativa, são determinadas pelo crescente esgotamento dos “brejos” e pela reduzida capacidade de suporte das pastagens. No tocante às práticas agrícolas não ocorreu qualquer mudança qualitativa nos cultivos de subsistência de mandioca e feijão, um pouco de arroz, que na maior parte é comprado na feira de domingo no Distrito de Cabrália, e as iguarias locais, como a curcubitácea “caiana” e a “palma”, utilizadas no preparo de cozidos, normalmente em picadinho com carne bovina. A chegada da luz elétrica pouco significou enquanto prática produtiva, dado que tirando o motor do poço artesiano que era tocado a diesel e foi substituído pelo motor elétrico, a utilização não avançou para outras finalidades.

Relevante afirmar que o poço artesiano tem papel estratégico em situações limites de falta

“uma chácara de café”, com um mínimo de 20 pés da rubiácea.

⁴A caracterização da estruturação e desenvolvimento do pólo de cafés especiais de Piatã (BA), com detalhamento da análise do projeto implantando, insere-se em pesquisa em andamento executada pelo autor, enquadrando-se na mesma preocupação com o estudo de estratégias de desenvolvimento regional. Também insere-se nessa ótica outra pesquisa em andamento referente ao pólo produtor de cachaça de Abairas. Por ocasião da divulgação dos resultados do 6º Concurso de Qualidade Cafés do Brasil, promovido em 2004, pela Associação Brasileira de Cafés Especiais, diversas informações sobre esse projeto de café *gourmet* estão no texto elaborado por Campos (2004).

de água nas secas mais prolongadas, permitindo dar de beber ao gado, evitando-se perdas maiores do rebanho. As casas de farinha, que operam por reduzido período em cada ano, que antes eram em menor número tendo animais como força motriz, passaram na sua maioria a serem dotadas de motor elétrico, mas sem que isso represente ganhos em escala de produção, ao contrário, abandonou-se a produção comunitária em maior quantidade que permitia vender o excedente, para se produzir apenas "pro gasto". Assim, a realidade desses agrupamentos rurais teima em se manter sem dinamismo adicional ainda que tenha sido propiciados investimentos relevantes em infraestrutura nesses últimos dez anos.

Interessante que a chegada da rodovia não altera a dinâmica da economia dos agrupamentos rurais estudados de forma decisiva e nem mesmo a energia elétrica foi capaz de gerar negócios complementares, o mesmo ocorrendo com o acesso a telefone, ainda que seja num único ponto disponibilizado mediante pagamento no Bairro das Cruzes. Efetivamente houve poucos impactos na qualidade de vida, mas nessa realidade de história lenta abre-se a perspectiva de mudança comportamental pela plugagem no mundo pela televisão que está desde 2002 presente em praticamente todas as casas, integrando as pessoas à aldeia global. Além disso, ocorreu nos anos posteriores a 1998 a generalização do acesso à educação de melhor qualidade como nítido resultado da política educacional federal, cujos efeitos multiplicadores poderão ser relevantes pela elevada frequência das crianças às escolas rurais, inclusive dotada de eficiente transporte gratuito.

Na próxima década os efeitos estruturais da educação e da televisão poderão ser sentidos mas, pela tendência já manifesta, que consiste na intensificação da migração para grandes cidades, principalmente paulistas e em segundo plano Salvador, de todos os jovens com lastro educacional muito superior àquele que seus pais tiveram, as alterações locais tenderão a ser menos pronunciadas. Interessante lembrar o fato de que muitos pais, após terem migrado no passado, voltaram à origem. Para tanto basta citar que 87% dos adultos (aposentados ou não) trabalharam ou viveram em grandes centros urbanos, alguns por muitos anos seguidos. Mas a atratividade da aposentadoria rural e o próprio desejo de retorno forçaram a migração de volta.

3 - POPULAÇÃO, ÁREA DE LAVOURAS, RENDA BRUTA E DISPÊNDIOS

A população total encontrada em julho de 2004, residente nos agrupamentos rurais estudados, representava 732 pessoas, sendo a maioria do sexo feminino (408 mulheres) e um menor número do sexo masculino (324 homens). Os menores de 16 anos são 398 pessoas (54,4%), enquanto os adultos não aposentados são 227 (31,0%) e os aposentados, 107 (14,6%). Dentre as pessoas do sexo feminino que formam a maioria da população residente à época do levantamento, 204 (50,0%) são menores de 16 anos, 146 (35,8%) são adultos não aposentados e 58 (14,2%) são aposentados. Do sexo masculino, 194 (59,9%) são menores de 16 anos, 81 (25%) são adultos não aposentados e 49 (15,1%) são aposentados (Tabela 1). Numa leitura global da população residente, além da prevalência de mulheres, chama a atenção que entre os maiores não aposentados a diferença entre os gêneros é a mais significativa em função da migração maior verificada entre os homens. Reforça essa conclusão o fato de que quando se compara essa proporção entre os menores de 16 anos e entre os aposentados as discrepâncias são menores. Assim, há uma tendência de migração mais acentuada entre os homens para trabalharem na construção civil pois há muitos empreiteiros com origem na região que agenciam essas pessoas para trabalhos braçais em obras em diversos pontos do Brasil, com maior proporção nas cidades do Estado de São Paulo onde se estabeleceram empresas de prestação de serviços.

Dadas as relações intrafamiliares e as formações de ações conjuntas com base em diversas formas de associação entre pessoas há enorme dificuldade em mensurar as áreas de plantio de forma individual, pois mesmo que isso seja possível, a apropriação dos resultados também envolve laços comunitários muito fortes em pequenos grupos de famílias de pessoas. Ademais os cultivos e a apropriação individual dos resultados guardam uma proporção muito próxima ao número de pessoas envolvidas em cada área cultivada, com duas exceções que serão discriminadas à parte. Dos 407 hectares de área cultivada nos agrupamentos rurais os quintais de verduras e frutas representam 165,6 hectares (40,7%), com predomínio das frutas, como laranja, abacate e mexericas, além de amplos espa-

TABELA 1 - Pessoas Residentes nos Agrupamentos Rurais do Bairro das Cruzes até o Bairro da Sussuarana, Distrito de Cabrália, Município de Piatã, Estado da Bahia, Julho de 2004

Idade	Feminino		Masculino		Total	
	N.	%	N.	%	N.	%
Menores de 16 anos	204	50,00	194	59,88	398	54,37
Maiores não aposentados	146	35,78	81	25,00	227	31,01
Aposentados	58	14,22	49	15,12	107	14,62
Total	408	100,00	324	100,00	732	100,00

Fonte: Dados da pesquisa.

ços ocupados com “palmas” que além de servirem de alimento para os animais nos períodos críticos de seca, são também utilizadas como verdura na alimentação humana (Tabela 2). Esses cultivos em quintais, cercados com pomas variados, representam importante elemento de melhoria da qualidade nutricional da população local. Em alguns quintais, há um pequeno “chiqueiro” (pocilga) para criação de suínos, que também representa um incremento na alimentação.

Uma característica de todas as casas dos agrupamentos rurais estudados consiste na presença de o que se denomina “chácara de café”, que nas de menores expressão está em torno de 20 pés e nas maiores entre 150 e 200 pés. Essas plantações estão localizadas próximas às residências, cultivando materiais obtidos nos próprios vizinhos sem a introdução de novos materiais, sendo que no conjunto das residências existem 111,5 hectares de cafezal, o que corresponde a 27,4% da área cultivada (Tabela 2). Essas plantações têm produção irregular em função da seca, sendo que na safra 2004 a colheita foi irrisória pela falta de chuvas nas épocas cruciais do ciclo vegetativo. Quando a produção se concretiza, uma parte do obtido abastece as residências, outra parte é enviada para parentes residentes principalmente em São Paulo e, quando o volume excede essas utilizações, é vendido nas feiras locais. Nessas “chácaras de café” surge a primeira das exceções acima referida, que consiste numa família que implantou um poço artesiano próprio e um sistema de irrigação por gotejamento que permitiu a implantação de cafezal de elevada produtividade e qualidade, numa estrutura de produção comercial diferenciada não computada no conjunto da análise, mesmo porque o dono reside na sede do Distrito de Cabrália, somente seus parentes residem no agrupamento rural. É fundamental colocar que há enorme difi-

culdade de generalização dessa técnica pela concorrência da água. Para tanto, basta citar os plantios irrigados de alho do Bairro Brejo de Brito, próximo dos agrupamentos rurais estudados, onde a água é mais abundante e, ainda assim, a proliferação de poços levou ao esgotamento da água de outros, gerando séria crise inclusive para o abastecimento doméstico.

As plantações de mandioca e cana, realizadas mais longe do perímetro das residências, nas roças mais afastadas, totalizam no seu conjunto 79,3 hectares (19,5%), sendo que a mandioca destina-se principalmente à produção de farinha em casas de farinhas próprias (Tabela 2). A produção destina-se ao consumo doméstico, sendo um alimento presente necessariamente em todas as refeições, assim como nos principais bolos e confeitos da culinária local cujos ingredientes são tapioca ou polvilho. A cana destina-se principalmente à alimentação animal, embora algumas famílias ainda produzam rapadura, conquanto a maioria delas adquiram esse produto na feira local. Não é costume local adoçar cafés ou pratos com açúcar, dado o uso generalizado da rapadura nesses processos. Na produção de cana aparece a segunda das exceções citadas, uma vez que uma família que também mantém negócios no Distrito de Cabrália possui um alambique para a produção artesanal de cachaça de qualidade em bairro rural próximo, com selo de origem da Associação dos Produtores de Aguardente da Microrregião de Abaíra (APAMA), também mantendo atividades que, se incluídas no conjunto da análise, distorceriam os resultados, daí a não inclusão dessa produção agroindustrial individual distinta nos cálculos realizados.

A área cultivada com feijão e outros mantimentos, como batata-doce, arroz, milho e outros vegetais menos expressivos, totaliza 50,6 hectares, representando 12,4% do total (Tabela 2). Trata-se de atividades nitidamente destinadas

TABELA 2 - Área Cultivada nos Agrupamentos Rurais do Bairro das Cruzes até o Bairro da Susuarana, Distrito de Cabrália, Município de Piatã, Estado da Bahia, Julho de 2004

Tipo de ocupação	Tarefas	Hectares	%
Quintal de verduras e frutas	762	165,65	40,68
Chácara de café	513	111,52	27,39
Mandioca e cana	365	79,35	19,49
Feijão e outros mantimentos	233	50,65	12,44
Total	1.873	407,17	100,00

Fonte: Dados da pesquisa.

ao consumo nas próprias unidades, sendo raras as vendas de excedentes. A maioria do produto não consumido na verdade é doado para parentes de regiões metropolitanas que visitam essa zona rural. O milho destina-se a alimentar os animais e as criações de aves realizadas soltas nos imensos terreiros, tendo em vista o abastecimento de carne e ovos. Em linhas gerais, a diversificação da alimentação e a fartura em termos de disponibilidade dependem diretamente das condições climáticas, sendo que nos anos em que não ocorre seca em níveis dramáticos com períodos de estiagem apenas com características sazonais não apenas tem-se fartura de alimentos como grande variedade. Nas secas mais prolongadas e mais duras, a escassez ganha contornos de dramaticidade, ainda que não se tenham relatos de fome generalizada nos bairros rurais pesquisados, ou seja, viveram-se dificuldades mas nunca situações extremas de subnutrição advinda da perda total das produções. Entre as famílias, a solidariedade tem suprido as necessidades quando alguma delas sofre contra-tempo na produção.

Análise relevante e que permite mostrar uma melhoria substantiva do padrão de vida local a partir da metade dos anos 90s com a recuperação das políticas públicas compensatórias pode ser visualizada na composição da renda bruta total dos agrupamentos rurais estudados. Para uma renda anual de todas as pessoas, estimada em R\$710,8 mil a preços de julho de 2004, o que corresponde a um valor mensal médio de R\$177,35 por pessoa adulta e R\$80,92 por habitante, obtêm-se as rendas advindas das aposentadorias totalizando R\$333,8 mil, ou seja, a expressiva proporção de 47,0% da renda bruta total (Tabela 3). Esse fato mostra a relevância distributiva da política de providência social brasileira consolidada na metade dos anos 90s, que permitiu a distribuição de renda a amplos contingentes rurais. Tanto assim que, na distribuição interna da renda

nos bairros rurais, as casas com dois velhos são consideradas mais ricas que as casas com apenas um, com a perda desse parente impactando decisivamente a renda familiar. Se nos meios urbanos a aposentadoria não atende às necessidades básicas das pessoas, nesse espaço rural garante condição de dignidade e de maior qualidade de vida aos aposentados.

A qualidade de vida dessas famílias, diferenciada pelo número de velhos é nítida, só comparável, nas condições locais, com outras famílias que não têm velhos e sim filhos bem colocados em empregos urbanos, locais (apenas empregos públicos que, mesmo precários, são objeto de disputas acirradas nas campanhas políticas) ou em cidades distantes. Os empregos públicos são escassos e rendem R\$15,2 mil por ano, participando com 2,1% da renda bruta (Tabela 3), sendo entretanto condição de diferenciação das famílias dos aquinhoados pelo valor médio maior dos salários e ganhos percebidos. Em segundo lugar enquanto componente formador da renda bruta total anual, aparecem os recursos obtidos em atividades realizadas fora dos bairros rurais (trabalho sazonal na construção civil) ou enviados por filhos e parentes residentes em caráter definitivos em centros urbanos, a maioria em São Paulo. Essas remessas somam R\$212,4 mil anuais, correspondendo a 29,9% do total, revelando a relevância dessas contribuições para a qualidade de vida dos bairros rurais sendo que desses montantes originam-se os investimentos em melhorias das residências, de equipamentos e mesmo construção de novas casas para os filhos que se casam. Finalizando, em terceiro lugar em grau de importância aparece a renda obtida com a venda de produtos, que totaliza apenas R\$149,3 mil anuais, sendo 21,0% da renda bruta total (Tabela 3), derivada essencialmente da pecuária que responde por dois terços desses produtos vendidos.

TABELA 3 - Renda Bruta Anual Estimada Total, Segundo a Origem, nos Agrupamentos Rurais do Bairro das Cruzes até o Bairro da Sussuarana, Distrito de Cabrália, Município de Piatã, Estado da Bahia, Julho de 2004

Renda por origem	Valor em R\$	%
Externa à comunidade ¹	212.420	29,88
Empregos públicos ²	15.200	2,14
Venda de produtos	149.345	21,01
Aposentadoria	333.840	46,97
Total	710.805	100,00

¹Recursos obtidos com trabalho sazonal em São Paulo, em especial dos homens na construção civil ou enviados pelos filhos e parentes empregados formais fora da comunidade.

²Formais ou informais como o transporte escolar.

Fonte: Dados da pesquisa.

A verificação dos dispêndios totais realizados nesses agrupamentos rurais, representados somente pelas despesas monetárias tal como também foi estimada a renda bruta, sem considerar a produção para o auto-consumo, mostra que a compra de alimentos e higiene consome R\$321,8 mil anuais, ou seja, representam 45,3% dos gastos familiares (Tabela 4). Esses gastos dizem respeito principalmente às compras de carnes, óleos vegetais, laticínios, farinhas de trigo e confeitos, algumas frutas e legumes, produtos para higiene pessoal e para limpeza doméstica. Complementam as necessidades não atendidas pela produção doméstica, tendo a ampliação das compras desses produtos desde os anos 90s, conforme relatos dos comerciantes instalados na sede do Distrito de Cabrália para onde todos vão nas feiras dominicais. Para eles menor instabilidade de preços, associada à amplificação dos benefícios da aposentadoria rural explicam o aumento do comércio local.

Em segundo lugar, surgem os gastos produtivos com R\$147,3 mil (20,7%) concentrados em produtos para o rebanho bovino que consiste na principal atividade geradora de renda nesses agrupamentos rurais (Tabela 4). Essas duas categorias de dispêndios, alimentos e higiene mais gastos produtivos, apresentam em conjunto 66% (dois terços) dos gastos totais derrubando de vez a concepção autárquica - fechadas em si mesmas e tendentes à auto-suficiência - presente em muitas análises das relações dos agrupamentos rurais que praticam agropecuária de subsistência, mesmo em condições aparentemente fora dos circuitos comerciais. Isso porque parcela ainda maior da renda bruta (76,9%) tem origem externa em atividades externas a esses bairros rurais.

Nas categorias de gastos pessoais chama a atenção os elevados percentuais dos custos relacionados à saúde, dado que o atendimento na sede do município de Piatã (BA) é precário, tendo as pessoas que realizar o deslocamento até o município de Seabra (BA), numa distância de 85km para atendimento mais especializado. Nos casos que envolvem tratamento prolongado, a grande maioria se desloca para a Cidade de São Paulo (SP) e alguns para Salvador (BA). A questão do custo dos remédios, em especial os de uso contínuo, reflete-se em dispêndios com saúde mais elevados, em especial os empregados em tratamentos geriátricos. Em função disso, as despesas com saúde atingem R\$92,4 mil anuais, representando 13,0% dos dispêndios totais. Chama ainda a atenção na estrutura global dos dispêndios o fato de que as contribuições religiosas, em especial os dízimos, que são honrados pela imensa maioria dos cristãos praticantes, representam um valor de R\$62,8 mil anuais, significando 8,8% dos dispêndios totais, níveis superiores em mais de 10 vezes aos tributos governamentais diretos que totalizam R\$7,9 mil, o que corresponde a 1,1% dos dispêndios totais (Tabela 4). Essa realidade faz do pagamento das contribuições religiosas o principal imposto pago pela comunidade rural estudada, assumindo na plenitude as características da origem feudal desse tipo de cobrança, superando até mesmo as contribuições previdenciárias rurais das quais as pessoas obtêm a maior parte dos benefícios usufruídos.

Em linhas gerais, o que se verifica nessas comunidades rurais é o aprofundamento da realidade verificada na metade dos anos 90s do século passado, com a estagnação da atividade econômica, dado que em linhas gerais não

TABELA 4 - Dispêndios Anuais Totais nos Agrupamentos Rurais do Bairro das Cruzes até o Bairro da Sussuarana, Distrito de Cabralia, Município de Piatã, Estado da Bahia, Julho de 2004

Despesas anuais	Valor em R\$	%
Alimentos e higiene	321.809	45,27
Despesas com saúde	92.378	13,00
Tributos diretos ¹	7.875	1,11
Contribuições religiosas ²	62.823	8,84
Energia elétrica	4.922	0,69
Gastos produtivos ³	147.320	20,73
Outros destinos	73.678	10,36
Total	710.805	100,00

¹Basicamente Imposto Territorial Rural (ITR).

²Representadas por dízimos e outras contribuições regulares.

³Compra de sal mineral, implementos, medicamentos e gás de cozinha para mover os veículos.

Fonte: Dados da pesquisa.

ocorreram mudanças substanciais na renda em sua distribuição, na área cultivada e na base técnica. Os avanços experimentados são explicados fundamentalmente por dois fatores: 1) os efeitos benéficos e distributivos da política de previdência social que ganhou maior dimensão no período próximo à virada do ano 2000 e 2) o incremento das contribuições das rendas obtidas fora dos agrupamentos rurais, seja pelo exercício do trabalho sazonal, seja pela contribuição de parentes (filhos na maioria) que se empregaram em centros urbanos. Uma questão que chama a atenção está no fato de que a eletrificação rural e o asfaltamento da rodovia trouxeram considerável melhoria da qualidade de vida nesses bairros rurais mas não propiciou o aparecimento de incrementos na estrutura produtiva que gerassem renda adicional para a maioria das pessoas.

A implantação desses benefícios se deu sem impactar a renda bruta total, tendo mesmo exigido maiores remessas de recursos de filhos trabalhando fora (São Paulo como principal destino) para fazer frente aos custos dessas "melhorias". A expansão verificada nesses bairros, muito acanhada em número, decorre da construção de casas no mesmo processo utilizado no passado com blocos de barro (chamado "adobe"), porém com qualidade urbana de energia elétrica e banheiros. A estrutura escolar montada com base em recursos federais no final dos anos 90s melhorou sensivelmente a qualidade da educação e muitos filhos desses bairros rurais emigraram em condições muito melhores que no passado e obtiveram melhores colocações em empregos urbanos. Essa foi, com certeza, a mais relevante melhoria implementada nesses bairros

rurais e, criar crianças nas condições atuais é muito melhor que fazê-lo nas periferias dos grandes centros urbanos como no passado. De qualquer maneira, o impacto do acesso generalizado à televisão e esse processo educacional só poderão ser sentidos no decorrer de mais uma década, pois numa leitura urbana da vida dessas comunidades, uma impressão nítida que se tem do clima de sossego pleno, é que o tempo corre mais devagar.

4 - LAVOURA PREDATÓRIA: eliminação dos brejos e destruição das aguadas pelas atividades familiares de subsistência

As técnicas empregadas nas lavouras são rudimentares, com a derrubada da mata a machado e foice, tarefa dura, mas facilitada pela ausência de árvores grandes, pois o pequeno número das maiores árvores, normalmente dispostas nas pedras das encostas pedregosas dos morros existentes, são deixadas no meio do roçado. Em pleno século XXI, numa zona rural não muito distante do polígono de lavoura moderna de Barreiras (BA) e outras zonas da Chapada Diamantina, pratica-se há anos uma seqüência de derrubar a vegetação natural, enleirar os restos secos, atear fogo nas leiras e plantar. São áreas pequenas, tombadas à tração animal (boi ou cavalo), que recebem sementes de feijão e mandioca. As manivas são retiradas dos próprios mandiocais já existentes, escolhendo as plantas mais sadias e os materiais mais maduros, enquanto o feijão também segue o mesmo procedimento, buscando material menos manchado

e menos misturado, com alguma catação para se evitar perdas em número de plantas por unidade de área. Na maioria das vezes há uma intensa troca de materiais entre os vizinhos, em especial cedendo manivas ou mesmo trocando “feijão para planta”. Não há prática de adubação sistemática, daí a prática de pousio para as áreas de cultivo após duas a três safras, além de transformar em pastagens, formando “mangas” nas áreas mais altas.

Uma prática que vem sendo incrementada nos últimos anos, praticada de forma cada vez mais generalizada pelos mais jovens, está na derrubada seletiva de árvores dos espaços de uso comunitário (“as largas de soltas”) e mesmo nos espaços individualizados, para obterem lenha que são vendidas para uso nos centros urbanos como o Distrito de Cabrália e a sede do município de Piatã. Ao caminhar pela estrada em torno da qual se formam os bairros dos agrupamentos rurais destacados, verifica-se de distância em distância, o empilhamento de montes de madeira, todas cortadas em pedaços de um metro, com prevalência dos troncos e galhos mais grossos, à espera de comprador. As árvores mais sacrificadas são as que produzem lenha de melhor qualidade como os angicos, sendo as mesmas utilizadas para fazer cercas. Trata-se de árvores maiores com idade entre 6 e 10 anos, que não existem em todo terreno sendo em número de 30 a 40 por hectare dada a baixa qualidade da vegetação nativa, que são abatidas de forma isolada e vendidas para lenha. Uma verificação cuidadosa das áreas ainda não “derrubadas para lavoura” e, portanto, não incorporadas ao processo produtivo, mostra bem o efeito predatório dessa prática, tanto para produzir “estacas” para cercas como agora para produzir lenha, para venda. Os jovens obtêm valores irrisórios com essas vendas pois os compradores compram por quase nada para revenderem nos centros urbanos, mas para quem não tem qualquer atividade econômica regular, algum dinheiro representa a possibilidade de maior lazer ou compra de roupa nova, que é no que se gastam esses recursos obtidos. Tudo isso é feito com a plena complacência dos pais, a maioria sabendo que se trata de crime ambiental mas nada fazem para coibir, porque lançam mão dessa prática os jovens mais “saídos”, quais sejam, aqueles mais “anteados”, em mercadorias da vida urbana, como roupas e tênis propagandeados pela televisão, às quais

buscam acesso e os pais não têm recursos para oferecerem a seus filhos.

As práticas de lavoura predatória não se limitam aos casos de raleamento das matas pela retirada de “estacas” e “madeira” como as acima destacadas. Na verdade, numa realidade dura em que a sobrevivência implica uma perene luta do homem contra os limites impostos por uma natureza árida, em especial nas épocas de seca prolongada, os sistemas de cultivo foram progressivamente provocando a degradação ambiental. Não é perceptível a ocorrência de grandes erosões, a não ser nas estradas e nos caminhos internos das “mangas” formadas em pastagens de braquiária, mas é nítido que as matas remanescentes foram impiedosamente raleadas e a fauna dizimada, como confirmam as histórias da presença de animais de “caça” que foram sendo progressivamente eliminados existindo ainda em número reduzido. Uns por concorrerem diretamente com as atividades antrópicas como as onças que na falta de alimentos abundantes abatiam o gado bovino e mesmo equino, em especial quando se embrenhavam nos antigos capões de mata próximos aos brejos para beberem água. As caçadas eram feitas até encontrarem e abaterem o predador com buscas nas “pedras” que representam a formação predominante dos morros existentes. Ainda que essas “caçadas” sejam atualmente menos regulares, mesmo porque são menos exitosas, elas derivam mais do medo de sanções da polícia florestal que propriamente de uma consciência coletiva da comunidade.

No tempo histórico a evolução dos atuais bairros rurais se deu com o contínuo avanço das áreas de cultivo sobre os antigos “brejos” com a progressiva derrubada dos capões que se formavam ao redor dessas aguadas que no limite atingiam as nascentes. Uma “prosa” mais demorada com as pessoas mais velhas permite registrar essa memória, com os longos “causos” que rememoram as situações do passado não tão remotos por eles vividas. Dessas entrevistas permitiu-se enumerar pelo menos 4 aguadas que simplesmente desapareceram da realidade local pela ação antrópica desenvolvida para a exploração das lavouras de subsistência, dado que enquanto lavoura comercial não se tem notícia de ciclo dinâmico na região. Os relatos dão conta da extinção dos seguintes elementos dos ecossistemas locais que funcionavam como reserva de água:

- **Capão da volta.** Derrubada secou a água da “baixa da zarea”, que tinha água permanente e agora nem mesmo no período das águas com maior intensidade de chuvas, o ribeirão corre. Conta o agropecuarista que botou fogo no capão, aproveitando o brejo para fazer uma boa roça no chão fértil, mas depois de repente, a água secou e o ribeirão que não secava simplesmente desapareceu.
- **Capão de Genésio.** Derrubado para fazer roça e totalmente destruído. A água não secava mesmo nas secas mais fortes. Nada entrava nesse brejo pois era entrar e atolar sendo difícil a travessia de um lado para outro por dentro do capão. Era calçado com pedra nos lugares para acesso a poços de água onde todos lavavam roupa. Botaram fogo e derrubaram o capão que após sucessivos plantios secou completamente. Atualmente não tem mais água.
- **Capão do Brejo de Tamburi.** Foi sendo destruído com o avanço da derrubada sumindo e perdendo água aos poucos. Derrubaram o mato e fizeram roça em terra fértil por alguns anos. Fizeram rego para esgotar a água abundante. Não existe mais.
- **Capão do Tio João e Morro de Judia.** A água atravessava a estrada, mas derrubaram o mato para fazer lavoura secando totalmente a fonte com o que nada mais existe no local que está totalmente seco.

A realidade atual, em que não há ribeirão perene em todo o agrupamento rural, com certeza decorre dessa prática da lavoura predatória. Interessante notar que muitos ribeirões, como o que cortava a “baixa das zareas”, simplesmente desapareceram. No caso citado, a destruição do Capão da Volta eliminou qualquer resquício de vegetação ou mesmo marca de que nesse espaço tenha havido no passado um curso de água que era perene. Relata-se que nessa “baixa” nos períodos chuvosos a travessia era difícil enquanto atualmente há uma “manga” de braquiária e o único poço de água na antiga várzea representa uma escavação de mais de 4 metros de profundidade onde, nas épocas de seca mais aguda, obtêm-se água para o gado. Da farta aguada anterior fica apenas a lembrança nas “prosas” dos mais velhos, tendo lembranças mais vivas desse fato as pessoas com mais de 45 anos. Similar descrição retrata o ocorrido no extinto “Brejo de Genésio” eliminando o capão e a aguada correspondente. Noutras aguadas as his-

tórias são muito parecidas, sendo até vivas as lembranças do agente que realizou o desmatamento. Em linhas gerais, atualmente são raros brejos a explorar em escala maior, todos incorporados ao mesmo regime de seca sazonal das demais áreas do terreno, muitos plantados com capim, com as lavouras e suas produções totalmente dependentes de chuva ou de irrigação por poço artesiano. Em linhas gerais, a necessidade de sobrevivência e a rusticidade da base técnica de derrubada e fogo, realizadas para a implantação de lavouras de subsistência, simplesmente eliminaram aguadas estratégicas e aprofundou a realidade de seca nessas comunidades rurais. A continuidade da eliminação indiscriminada de árvores nas áreas não derrubadas, para produção de lenha e estacas, e mesmo a limpeza de terreno para plantios e formação de mangas, dada a fragilidade dos ecossistemas locais, não prenunciam uma melhoria na realidade, ao contrário, indicam a continuidade do processo de degradação das condições naturais até um limite ainda não determinado.

5 - OCUPAÇÃO COMUNITÁRIA DO ESPAÇO: as largas de gado nos gerais e a pecuária rústica de sobrevivência à seca

A atividade pecuária corresponde a criatórios rústicos de animais pouco raçados, embora prevaleça as características de zebuínos como o nelore e o guzerá. As práticas de convivência com a seca envolve duas etapas muito bem definidas durante o ano, quais sejam: nos períodos de chuva os animais são colocados nas “largas de solta” onde podem aproveitar a vegetação verdejante, em especial nos meristemas das brotações após a primavera; tão logo ocorrem as chuvas de outubro os animais vão para as “largas” para deixar o pasto crescer nas “mangas” formadas de braquiária. Ficam nesse espaço até mais ou menos fevereiro quando voltam para as “mangas” nas quais ficam se revezando durante todo o tempo de nenhuma ou pouca chuva, sendo ainda assim críticos os meses de julho a setembro que em alguns anos acaba totalmente o pasto das “mangas” e mesmo a água exigindo que seja “dado de beber no coxo” e alimentado com produtos como raspa de mandioca, palma (cacto que sobrevive à seca e que permite alimentar animal quando verde, embora tenha espinhos), cana forrageira e sal mineral. As

mangas estão dispostas próximas das casas, sendo prática comum a “compra de pasto” pelos criadores que têm maior número de animais. De qualquer forma a “lida com o gado” é diária e quase não se retira o leite para beber, a não ser de vaca de bezerro novo com muito leite nas épocas “boas” de pasto.

Chama a atenção nesses agrupamentos rurais a ação comunitária de cercamento e uso das “largas de solta”, onde grupos de 10 a 15 criadores se juntam para realizar as cercas e mantê-las, com a participação e direito de usufruto determinado pelo número de rolos de arame com que cada qual contribuiu para o empreendimento. Os animais são marcados e soltos nessas “soltas” no período das águas com pastoreio executado de forma periódica pelos criadores de forma solidária, em especial no atendimento das “vacas paridas” para que não percam o bezerro que se deseja nasçam nas “mangas” e de animais machucados ou com “bicheiras”. As soltas são formadas de gerais, muitas vezes delimitadas também por obstáculos naturais, com tanques abertos para acumular água de chuva para o gado beber, como alternativa complementar às nascentes que nesses períodos sazonais estão ativas. Os criadores também se reúnem para caçar e matar cachorros “ladinos” que matam animais, em especial os mais novos e mais fracos. Nesses agrupamentos estudados, foram possíveis catalogar 5 “soltas” de uso comunitário, com a participação cruzada de vários criadores, sendo elas:

- **Larga de Quinca**, com a aplicação de 42 rolos de arame abrangendo um perímetro de 1,75 km de lado, totalizando aproximadamente 306 hectares, com capacidade de suporte de 250 cabeças de gado entre animais adultos e bezerros.
- **Larga da Saudade**, com a aplicação de 150 rolos de arame abrangendo um perímetro de 2,5 km de lado, totalizando aproximadamente 625 hectares, com capacidade de suporte de 350 cabeças de gado entre animais adultos e bezerros.
- **Larga de Joãozinho**, com a aplicação de 50 rolos de arame abrangendo um perímetro de 2,1 km de lado, totalizando aproximadamente 441 hectares, com capacidade de suporte de 250 cabeças de gado entre animais adultos e bezerros.
- **Larga de Vavinho**, com a aplicação de 35 rolos de arame abrangendo um perímetro de 1,45 km de lado, totalizando aproximadamente

210 hectares, com capacidade de suporte de 150 cabeças de gado entre animais adultos e bezerros.

- **Larga de João de Tertio**, com a aplicação de 28 rolos de arame abrangendo um perímetro de 1,2 km de lado, totalizando aproximadamente 144 hectares, com capacidade de suporte de 100 cabeças de gado entre animais adultos e bezerros.

Essas “soltas” são, portanto, nada mais que espaços comunitários para onde os animais são encaminhados no período das águas para aproveitarem os brotamentos da vegetação nativa, sendo que permanecem nessas áreas durante 5 meses do ano (outubro a fevereiro). Somando as medidas das soltas descritas tem-se 215 rolos de arame de extensão, totalizando 9km de lado, medindo em torno de 1.726 hectares que comportam 1.070 animais entre adultos e bezerros, com uma lotação média de 0,62 animal por hectare por um período de 5 meses em média. Em julho de 2004, na fase final de pastejo das “mangas”, o levantamento mostrou a existência de 918 animais no total dos agrupamentos rurais. Esses indicadores mostram a rusticidade exigida dos animais, criados em condições adversas, o que explica a reduzida produtividade dos rebanhos com taxas de mortalidade de bezerros se situando entre 20% e 30% dos nascidos em cada ano de manejo (outubro a setembro) e a elevada idade para que os animais atinjam peso para o abate, em média de 5 a 6 anos.

A escala da atividade pecuária nessas condições criaram critérios de mensuração de tamanho do rebanho muito peculiares, sendo que, em média, um pecuarista “forte” (grande), tem 70 cabeças de gado e 70 hectares de “manga” formada, o pecuarista médio tem 30 cabeças e 30 hectares de “manga” e o pequeno tem 15 cabeças de gado e 15 hectares de “manga”. Muitos dos que formam “mangas” não possuem animais e sobrevivem da “venda de pasto” nos períodos de seca, cobrando um valor por animal/mês ou um valor total pelo “pasto”/mês. Nos períodos mais agudos de seca esses pastos remanescentes são disputados, mesmo que não tenham uma qualidade satisfatória, permitindo a esses “rentistas” obterem boas vantagens, uma vez que normalmente não há pastejo no período das águas e da “liblina” (chuvas finas de outono). Nos anos bons, entretanto, não conseguem vender seus pastos e não obtêm essa remuneração.

Duas características dessa pecuária rústica ainda merecem ser destacadas, a primeira refere-se a uma parte do “boi gordo” que, na verdade, representa uma poupança do criador, que o “acode” no caso de necessitar realizar um desembolso não previsto como o conserto ou troca de motor ou da caminhonete (movida a gás de cozinha direto do bujão convencional), ou ainda para realizar uma viagem ou custear algum tratamento de saúde mais especializado. Daí a manutenção por segurança de dois ou três bois gordos pelos pecuaristas “fortes” para venda nessas necessidades. O abastecimento de carne é feito por um açougue ambulante, toda quinta-feira, por morador da região que compra o animal, abate debaixo de uma árvore, retalha e percorre os caminhos oferecendo o produto para os moradores num carro convencional sem local refrigerado para o produto. A segunda característica diz respeito ao manejo sanitário, cuidados com o combate à bicheira, vacinação contra o carbúnculo que já trouxe perdas na região com morte de grande número de animais e a enorme resistência à vacinação contra a febre aftosa. Apesar de haver consciência geral da obrigatoriedade e das penalidades no caso de não cumprimento, muitos pecuaristas compram as vacinas mas não aplicam porque as consideram “muito quente” e prejudicial aos animais. Assim, não há consistência nas campanhas oficiais para eliminação da aftosa, embora não tenham havido casos registrados nos últimos anos. De qualquer maneira, todos os indicadores mostram a prática de uma pecuária rústica, com práticas rudimentares, mas que convive com a seca.

6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das transformações operadas na dinâmica econômica e no modo de vida do agrupamento de bairros rurais estudado, localizado no polígono das secas da Chapada Diamantina Baiana, no Distrito de Cabralia do município de Piatã (BA), mostra uma realidade típica da história lenta em que ainda a incorporação de benefícios da vida urbana não alterou de forma substancial a capacidade de geração de renda. A chegada do asfalto na rodovia federal de acesso a essas localidades e a implantação da eletrificação rural não tiveram correspondente incremento de atividades produtivas alargadoras da geração

de renda. Vive-se melhor no presente que há dez anos atrás, quando inexistiam esses dois melhoramentos, mas o incremento de renda decorre diretamente de duas razões: os aumentos do número de aposentados e a correção do valor das aposentadorias e das contribuições de filhos, parentes e de empregos sazonais. No geral, disso deriva o financiamento da melhoria da qualidade de vida nesses agrupamentos rurais, que agora se sentem no mundo pela televisão, desfrutam da energia elétrica e têm acesso mais rápido às cidades próximas, tendo, inclusive, se reduzido em mais de 6 horas o tempo de uma viagem a São Paulo, cuja distância é 1.850km. De qualquer maneira, continua a vida pacata, centrada da pecuária extensiva e em pequenos cultivos, “dormindo de portas e janelas abertas” e criando crianças em plena liberdade. A escola está garantida pelo sistema de educação rural implantado nos últimos dez anos, inclusive com transporte escolar regular e gratuito e merenda escolar. Nesse aspecto pode estar um elemento de mudança com a erradicação do analfabetismo e a construção do alicerce de melhores empregos urbanos que seus pais, tios e avós que invariavelmente foram empregadas domésticas ou operários da construção civil, executando o mais duro e perigoso serviço, o de poceiro para permitir a construção das colunas de sustentação dos prédios e pontes.

Para os que ficarem, há o desafio de encontrar alternativas de sustentabilidade para as criações de gado e os pequenos cultivos. Essa condição se mostra cada vez mais limitante dado o mecanismo aplicado por décadas e mesmo século, de ocupação predatória do espaço com a derrubada e queimada dos capões dos brejos, que acabou por determinar o fim de ribeirões antes perenes e atualmente extintos e a eliminação das aguadas. Isso fez da agropecuária atual uma atividade de risco ainda mais elevado pela inexistência de água em períodos de seca cada vez mais longos. Não há mais brejos a serem roçados e queimados para o plantio de mantimentos para a subsistência e ainda persiste a prática predatória da vegetação natural, nos espaços de cerrados dos “gerais” que num processo crescente pode comprometer a capacidade de suporte da pecuária extensiva nas “largas de solta” que é fundamental no período das águas (outubro a fevereiro) quando os pastos das “mangas” estarão em pousio para o crescimento da braquiária e

outros capins. Nessas condições de escassez de água, pouco se pode fazer para melhorar a base técnica dada a baixa capacidade de resposta obtida, tendo sido realizadas tentativas, todas infrutíferas. Alguns mais novos e mais conscientes defendem a construção de um açude comunitário que armazenaria grande quantidade de água no período das chuvas e daria sustentação para cultivos de cafés e mantimentos nos demais pe-

ríodos. Pode ser uma alternativa. Mas ela continua a ser discutida e pensada no ritmo da vida local, sem grandes alterações da dinâmica econômica e do modo de vida. Não há fome, nem tanta fartura, não há serviços urbanos mas nem tanta violência. É preciso cuidado para que as mudanças coloquem alguma coisa e não apenas negar e erradicar o modo de vida historicamente estabelecido.

LITERATURA CITADA

CAMPOS, C. **Produção de café especial muda vida de pequenos cafeicultores na Bahia, Agência Sebrae SP.** Disponível em: <www.newscafeicultura.com.br>. Acesso em 7 dez. 2004.

GONÇALVES, J. S. Da posse ao fundo do poço: migração sazonal de lavradores da Chapada Diamantina do estado da Bahia para trabalhar na construção civil paulistana, **Informações Econômicas**, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 75-90, fev. 1995.

AGRICULTURA E MODO DE VIDA NUM BAIRRO RURAL NO POLÍGONO DAS SECAS: realidade social e degradação ambiental em agrupamentos rurais da Chapada Diamantina Baiana em 2004

RESUMO: O trabalho estuda as mudanças na estrutura produtiva e no modo de vida de bairros rurais localizados no polígono das secas na Chapada Diamantina baiana. Mostra que passados dez anos da última análise, não ocorreu alteração substancial na estrutura produtiva e, apesar de terem sido realizados melhoramentos como eletrificação rural e asfaltamento da rodovia, não surgiram atividades geradoras de renda adicional à pecuária intensiva e às lavouras de subsistência. De outro lado, persistem as práticas rudimentares de derrubada dos brejos com destruição das aguadas e a retirada indiscriminada de estacas e lenha da vegetação natural o que pode ampliar os efeitos da seca. Os efeitos positivos sobre a renda local da generalização do acesso à aposentadoria pela melhoria realizada na previdência social na segunda metade dos anos 90s do último século e as melhores colocações urbanas decorrentes da melhoria do sistema educacional foram as políticas sociais com mais significativo impacto na qualidade de vida dessas comunidades rurais.

Palavras-chave: exclusão social, migração sazonal, agricultura de subsistência, sustentabilidade ambiental.

AGRICULTURE AND LIFESTYLE IN A RURAL DISTRICT IN THE DROUGHT POLYGON: social reality and environmental degradation in rural communities in Bahia's diamond plateau in 2004

ABSTRACT: This work studies changes in the production structure and the lifestyle of rural districts located in the drought polygon of the Diamond Plateau [Chapada Diamantina], state of Bahia. It shows that, ten years after the last analysis, no substantial change has occurred in the production structure. Also, despite improvements such as rural electrification and road asphaltting, no activities able to generate additional income to the intensive cattle raising and subsistence crops cultivation have appeared. On the other hand, rudimentary practices of clearing of swamps with destruction of watering places and the indiscriminate removal of stakes and wood from the native vegetation may extend the

effects of the drought. The social policies having a more significant impact on the quality of life of these rural communities include the improved social security benefits with a generalized access to retirement pension, which brought a better local income in the second half of the 1990's and the improvement on the educational system, which brought better urban job placements.

Key-words: *social exclusion, seasonal migration, subsistence agriculture, environmental sustainability.*

Recebido em 09/11/2004. Liberado para publicação em 30/12/2004.